

**THIAGO MANUEL RODRIGUES DE NICOLA**

**TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

**CURITIBA  
2003**

*Este trabalho é dedicado para Liana, companheira e inspiração da minha vida, para José De Nicola, que além de pai, é amigo e professor das coisas do mundo e para Tânia, mãe, alimentadora e porto seguro.*

## AGRADECIMENTO

Agradeço à todas as pessoas que contribuíram para a minha formação enquanto ser humano. Agradeço àqueles que me fizeram falhar, pois nas falhas foram os momentos em que renasci mais forte e disposto a lutar, agradeço àqueles que me valorizaram, pois deram esperança em continuar.

Agradeço aos educadores que passaram em minha vida, eficientes e ineficientes, porque estes inspiraram meu trabalho.

Agradeço aos meus amigos, novos e velhos, pois na amizade verdadeira é que se forma o caráter das pessoas.

Agradeço, principalmente, ao professor Wanderley Marchi Jr., pela orientação neste trabalho e pela compreensão das minhas dificuldades, além de transformar a minha visão sobre a educação física e o sistema de ensino.

*“sinto que estou começando a ter alguma coisa sobre a qual escrever; que estou começando a ser capaz de usar aquele poder que sinto existir em mim, aquele poder suplementar, latente. Alguma coisa parece que está vindo a mim.”*

*(Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo)*

## RESUMO

Este trabalho tem a intenção de analisar a educação física dentro do processo do sistema de ensino escolar. A busca é pela ruptura da dicotomia entre teoria e prática existente na educação física escolar, onde o que se encontra nas aulas de educação física é simplesmente a prática, pela própria prática, de atividades físicas sem um embasamento dos conhecimentos teóricos. Desta forma, analiso os principais aspectos e concepções da educação, como ela se desenvolveu ao longo dos tempos, posteriormente analiso as tendências da educação física, estudando as obras mais relevantes e importantes no cenário brasileiro, para, por fim, chegar na interpretação da relação entre teoria e prática, entendendo que esta relação é pouco trabalhada nas aulas de educação física escolar. Após o estudo bibliográfico, proponho uma proposta metodológica para a educação física, interligando a prática com a teoria através de uma abordagem interdisciplinar, visando uma educação transformadora que contribua na formação dos alunos. A proposta tenta levantar conteúdos e métodos pertinentes para uma educação física efetiva e significativa no contexto educacional. Os problemas da sociedade não são simples, por isso cabe uma visão interdisciplinar da educação física para a solução das dificuldades complexas do dia a dia.

Palavras-chave: Educação – Educação Física – Teoria e Prática – Interdisciplinariedade – Proposta Metodológica.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	v
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	2
1.3 OBJETIVOS.....	2
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	4
2.1 EDUCAÇÃO.....	4
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	13
2.3 TEORIA E PRÁTICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.....	21
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	25
<b>4. PROPOSTA METODOLÓGICA</b> .....	26
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A educação física, assim como todas as áreas de conhecimento, sofre de crises de identidade. A busca pelo paradigma que caracteriza o objeto de estudo desta área é norteada por tendências particulares, já que, “perguntar o que é educação física só faz sentido quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la” (SOARES 1992, p.50) e a concepção de transformação varia de acordo com valores pessoais.

Desta forma, a definição de educação física tende sempre para o campo de interesse dos grupos que estudam esta área, passando por estudos desde esporte de alto rendimento, comportamento motor até pedagógicos e do lazer. Entretanto, o ponto comum dentro da educação física parece ser seu objeto de estudo, o movimento e o corpo humano ou o que João Paulo Medina chama de “cultura do corpo” ou “cultura corporal” (MEDINA, 1983).

A partir dessa reflexão torna-se importante compreender que para um maior conhecimento e valorização do campo de conhecimento da educação física pela sociedade é necessário que quem escolha a idéia de educação física e por quais caminhos seguir dentro desta área, sejam os agentes que a consomem (a própria sociedade) junto dos agentes que a constróem (os professores).

Assim, cabe aos profissionais da educação física construir um corpo de conhecimento (teórico e prático) amplo e fundamentado para fornecer à sociedade os requisitos básicos para a compreensão do que é educação física.

Mauro Betti entende que é tarefa da educação física introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício da sua qualidade de vida (BETTI, 1998).

Porém, a atual educação física no âmbito escolar (área que desenvolve o saber na sociedade) não se caracteriza em construir um corpo de conhecimento teórico que instrumentalize os alunos para a reflexão. A ênfase das aulas de educação física é meramente a prática pela própria prática, o movimento sem o

pensar. E, assim como uma teoria sem aplicação prática é falha, uma prática sem fundamentação e embasamento teórico acaba caindo no mesmo equívoco.

Por este motivo, se faz necessária a busca “da possibilidade de construção de uma abordagem pluridisciplinar da educação física” (MARCHI e PILATTI, 1999, p. 1290), onde fundamentos da história, da sociologia, da fisiologia, da biomecânica, da pedagogia, entre outros, se englobem na teoria e na prática das aulas de educação física escolar.

Com esta análise, surge o problema deste trabalho: a falta da aplicação teórica dentro das aulas de educação física escolar. “Como a teoria pode dinamizar ou cristalizar a prática educacional?” (SAVIANI 1989, p.30) E quais seriam os conteúdos e técnicas possíveis para a elaboração de uma proposta metodológica que fornecesse aos alunos um conhecimento teórico e prático dentro da educação física?

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A proposta de elaborar uma metodologia para o ensino da educação física escolar surgiu da idéia de reler as diversas tendências existentes dentro da educação física para romper com as divergências que dividem e prejudicam esta área de conhecimento, pois somente quando a educação física encontrar uma unidade ela será valorizada e respeitada pela sociedade. Acredito que essa unidade encontra-se na elaboração de um corpo teórico e interdisciplinar que respeite e integre todas as subáreas da educação física, fornecendo fundamentos e bases para uma prática crítica.

## 1.3 OBJETIVOS

- Analisar e discutir os estudos já publicados de autores que trataram sobre teoria e prática dentro das metodologias da Educação Física (Mauro Betti, Ademir Gebara, Valter Bracht, João Paulo Medina, Lino Castellani Filho, João Batista Freire, Carmen Lúcia Soares, Manuel Sérgio, Go Tani, Wanderley Marchi Jr., entre outros);

- Elaborar uma proposta metodológica interdisciplinar para a Educação Física escolar, que através de fundamentos teóricos ligados à prática possibilitasse uma instrumentalização para os alunos desenvolverem o próprio senso crítico para com a Educação Física.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 EDUCAÇÃO

Optei em começar a revisão de literatura pelo tema educação, pois compreendo que a educação física, enquanto área de conhecimento escolar, pertence ao campo de atuação da educação. Por esse motivo, seria impossível introduzir as características da educação física sem antes tratar quais os objetivos e concepções da educação como um todo, analisando a educação física dentro do contexto educacional.

Desta forma, quando neste texto eu interpretar os pontos relevantes da educação, automaticamente a análise se transfere para os aspectos da educação física. “Os valores-fins da educação em geral e seus respectivos objetivos estendem-se, em sua totalidade, à educação física que, como ato educativo, está voltada para a formação do homem, tanto em sua dimensão pessoal como social” (GONÇALVES, 1994, p. 117).

A definição de Educação demonstra-se quase que unânime entre os estudos sobre o tema<sup>1</sup> e ela está centrada na idéia de que a educação é o meio pelo qual se pretende intervir, de forma sistemática e organizada, sobre indivíduos e grupos sociais, a fim de transmitir o conhecimento e os valores para que as pessoas se integrem na sociedade.

Segundo Maria Gonçalves (1994, p.118):

a educação é um fenômeno inerente ao homem como um ser social e histórico, cuja existência fundamenta-se na necessidade de formar as gerações mais novas, transmitindo-lhes seus conhecimentos, valores e crenças e abrindo-lhes possibilidades para novas realizações.

Na opinião de Sônia Silva “a educação sempre se faz a partir de bases axiológicas, portanto fundamentada em determinados valores e visando, por outro lado, a transmissão, reprodução, ou criação de novos valores” (SILVA, 1986, p.70).

“A educação é um processo sociocultural que se dá na história de uma determinada sociedade, envolvendo comportamentos sociais, costumes, instituições e atividades culturais” (SEVERINO, 1986, p.54). Para Cipriano Luckesi a educação

---

<sup>1</sup> Indicarei os diversos estudos sobre educação no decorrer do texto

não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como instrumento de manutenção ou transformação social (LUCKESI, 1994).

Diante da visão da educação interligada com a história e com a sociedade, é determinante que ao analisar a educação se analise o contexto em que esta se dá. Daí que se torna tão importante o estudo das concepções e tendências educacionais, com a interpretação dos fatos marcantes no âmbito, social, econômico, histórico e cultural.

Para o estudo das diferentes concepções de educação usei os trabalhos do professor Dermeval Saviani, que classificou e definiu as tendências educacionais brasileiras, além das diversas teorias sobre educação. Cabe também informar que a fim de limitar a elaboração deste trabalho usarei apenas os aspectos ligados à educação formal, dentro da instituição escolar, deixando de lado os aspectos da educação informal.<sup>2</sup>

Após o estudo das diversas correntes e o exame da evolução da organização escolar, o professor Dermeval Saviani, em grandes linhas, classificou as concepções fundamentais de filosofia da educação da determinada forma (SAVIANI, 1994, p. 24): concepção humanista tradicional, concepção humanista moderna, concepção analítica e concepção dialética.

A concepção humanista tradicional está marcada pela visão essencialista de homem, onde o homem é encarado como constituído por uma essência imutável, cabendo à educação conformar-se à essência humana, sendo as mudanças, pois, consideradas acidentais.

Por outro lado, a concepção humanista moderna esboça uma visão de homem centrada na existência, na vida, na atividade. Nesta concepção a existência precede a essência, ocorrendo a mudança da natureza humana determinada pela própria existência. Diferente da concepção tradicional, que só valoriza o papel do educador (por este ser o modelo de ser completo, acabado), a concepção moderna valoriza o educando que aprende de forma continuada, ao longo da vida, de suas atividades, sendo o educador o agente que capta os momentos, passageiros, de aprendizagem.

---

<sup>2</sup> Entende-se por educação formal a educação escolar e a educação informal como as demais formas de educação (familiar, religiosa, mídia, entre outras).

A concepção analítica de filosofia da educação é uma análise lógica da linguagem educacional utilizando-se do método da lógica informal. A lógica informal postula que o significado de uma palavra só pode ser determinado em função do contexto em que é utilizada, porém não o contexto sócio-econômico-político e sim o contexto lingüístico, definindo a palavra apenas pelo uso que dela se faz. Caracterizada pela tecnologia e os meios de comunicação de massa.

A concepção dialética entende o homem como conjunto das relações sociais e analisa a educação no seu contexto histórico. Nesta concepção, o movimento segue leis objetivas que não só podem como devem ser conhecidas pelo homem. No contexto da concepção dialética o papel da educação é colocar-se a serviço da nova formação social em gestação no seio da velha formação até então dominante.

Após a classificação das concepções, Saviani observa que ao analisar dentro de um panorama estas concepções sumariadas, incorre-se numa falácia. “Elas sugerem que a uma etapa sucede outra, isto é, a primeira etapa é substituída e superada pela segunda, esta pela terceira e assim sucessivamente” (SAVIANI, 1994, p.29). Entretanto, um movimento não aboli o outro nem tão pouco surge no exato momento que o outro se encerra. É necessário vincular o processo educativo às condições estruturais da sociedade que o engendra.

Além de definir as concepções de filosofia da educação, Dermeval Saviani, em outro estudo (SAVIANI, 1992), classifica as teorias da educação em dois grupos<sup>3</sup>, o primeiro, as teorias não críticas, caracterizadas pelo entendimento da educação como instrumento de equalização social e o segundo, as teorias críticas, ou crítico-reprodutivistas, que entendem a educação como instrumento de reprodução social, de aparelho de manutenção das classes dominantes.

Dentro da teoria não crítica estão as pedagogias tradicional, nova e tecnicista. A pedagogia tradicional tratava do interesse de consolidação da classe burguesa que desejava construir uma democracia, por isso a inspiração no princípio de educação ser um direito de todos e um dever do Estado, porém não conseguiu a universalização e muito menos o ajuste dos alunos ao tipo de sociedade que estava sendo proposta.

---

<sup>3</sup> Saviani classifica como não críticas e críticas pela percepção dos condicionantes objetivos. Em teoria não crítica aquelas que encaram a educação como autônomas e em teoria crítica aquelas que compreendem a educação condicionada à estrutura sócio-econômica, chamadas de crítico-reprodutivistas.

A pedagogia nova tenta suprir as falhas da tradicional, mas acaba por agravar os problemas, uma vez que torna-se inviável a elaboração do seu projeto em grande escala (dependia de recursos elevados), além de ser usada dentro das escolas que possuíam forma tradicional acarretando na desestruturação do sistema escolar.

Por outro lado, a pedagogia tecnicista tenta buscar a eficiência instrumental, já que as outras pedagogias não tinham contribuído na formação dos alunos. Assim o tecnicismo proporciona um eficiente treinamento para a execução das tarefas exigidas pela sociedade. Entretanto, a pedagogia tecnicista gerou um ensino rarefeito e meramente instrumental que de nada complementou na educação.

Dentro da teoria crítico-reprodutivista, Saviani destaca algumas teorias que tiveram maior repercussão, a teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica<sup>4</sup>, a teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado<sup>5</sup> e a teoria da escola dualista<sup>6</sup>. Segundo Luckesi (LUCKESI, 1994, p.42),

a teoria crítico-reprodutivista não se traduz em uma pedagogia, ela não estabelece um modo de agir para a educação, pretende apenas demonstrar e analisar como atua a educação dentro da sociedade, projetando esta análise para o futuro.

Um grande estudioso da educação, que teve importante parcela na elaboração destas teorias crítico-reprodutivistas, foi o italiano Antonio Gramsci. Gramsci elaborou diversos estudos sobre a relação da escola como instrumento das classes hegemônicas, para ele a escola tem participação extremamente significativa na elaboração, sistematização e irradiação da concepção de mundo, ou resumindo em poucas palavras, na transmissão da ideologia dominante, cimento da coesão social (GRAMSCI, 1982).

“ A educação é, portanto, valioso instrumento de um grupo social dominante para o exercício de sua hegemonia, para desempenhar sua função de direção em relação aos demais grupos sociais” (GRAMSCI citado por SEVERINO, 1986, p.44). Para Gramsci a escola prepara os intelectuais, agentes dos aparelhos de hegemonia.

Dentro dessa visão do sistema de ensino proposta por Gramsci entende-se qual a proposta geral das teorias crítico-reprodutivistas e portanto, analisarei caso a caso estas teorias com o intuito de interpretar os pontos marcantes de cada uma.

---

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Claude. *A Reprodução*.

<sup>5</sup> ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*.

A teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica foi elaborada por Pierre Bourdieu e Claude Passeron na obra intitulada *A Reprodução*. Segundo Saviani: (1992, p.29)

Os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Então surge um sistema de relações de força simbólica, cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material.

Podemos assim distinguir dois aspectos, a violência material definida pela dominação econômica e a violência simbólica definida pela dominação cultural.

Bourdieu e Passeron elaboraram, como caminho metodológico, proposições que levassem à violência simbólica propriamente dita e explicitaram, deste modo, a ação pedagógica, a autoridade pedagógica e o trabalho pedagógico.

“Toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.20). A ação pedagógica é uma violência simbólica na medida em que impõe e inculca<sup>7</sup> significações determinadas pela seleção de um grupo socialmente dominante que escolhe objetivamente a reprodução cultural.

“A ação pedagógica implica necessariamente como condição social de exercício a autoridade pedagógica” (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.26), que, só por ser necessária torna-se autoridade legitimada. Desta forma, os emissores pedagógicos são, de imediato, designados como merecedores de transmitir o que transmitem e com isso, autorizados a impor e controlar a inculcação aprovados socialmente.

A ação pedagógica e a autoridade pedagógica implicam no trabalho pedagógico “como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável, *hábitus*, como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após o término da ação pedagógica” (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.44).

Desta forma, o trabalho pedagógico tem por finalidade incorporar nos estudantes o arbitrário cultural dominante de modo que este arbitrário torna-se um valor absoluto e inquestionável.

---

<sup>6</sup> BAUDELLOT, C; ESTABLET, R. *A escola Capitalista*.

<sup>7</sup> Inculcação é representada para Bourdieu e Passeron como relativo à educação por imposição de valores e significações.

Com o quadro teórico acima descrito, os autores concluem como o sistema de ensino no seu aspecto geral faz parte da violência simbólica.

Todo sistema de ensino deve produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais do desconhecimento da violência simbólica que exerce, isto é, do reconhecimento de sua legitimidade como instituição pedagógica.  
(BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.70)

O sistema de ensino inculca a reprodução de um arbitrário cultural e cuja reprodução contribui à reprodução social, das relações entre grupos e classes.

A teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado foi elaborada por Louis Althusser na obra intitulada *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*. Nesta obra, Althusser distingue dentro do Estado os aparelhos repressivos (governo, exército, polícia, prisões, tribunais, etc.) e os aparelhos ideológicos (religião, família, partidos, sindicatos, mídia, escola, etc.), sendo que os aparelhos repressivos atuam pela violência e posteriormente pela ideologia e por sua vez os aparelhos ideológicos atuam pela ideologia e posteriormente pela repressão (ALTHUSSER, 1980).

A escola como aparelho ideológico dominante é instrumento acabado de reprodução das relações de produção capitalista. Ela engloba crianças de todas as classes sociais e lhes inculca durante anos obrigatórios os saberes práticos da ideologia hegemônica. A escola “é o aparelho ideológico de maior audiência (obrigatório e gratuito), com cinco a seis dias em sete que tem uma semana, à razão de oito horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista” (ALTHUSSER, 1980, p. 66)

Além de inculcar a ideologia dominante, o sistema escolar atua na qualificação da força de trabalho, importante para a manutenção da reprodução das relações de produção. “Deve-se não só reproduzir a mão-de-obra do ponto de vista quantitativo (biológico), mas também qualitativo (cultural)” (LUCKESI, 1994, p. 43).

A teoria da escola Dualista foi elaborada por Baudelot e Establet na obra intitulada *A Escola Capitalista*. É chamada de teoria Dualista na medida em que os autores definem o sistema escolar em duas, e somente duas, grandes redes de ensino, a secundária superior (destinada à burguesia) e a primária profissional (destinada ao proletário).

Muitos conceitos dessa teoria são retomados da obra de Althusser, entendendo a escola como aparelho ideológico do Estado, porém a teoria Dualista admite uma ideologia da classe dominada, mesmo que tendo origem e existência fora do âmbito escolar (SAVIANI, 1992).

Assim, a escola tem função de impedir o desenvolvimento das classes dominadas, dando acesso apenas os subprodutos da cultura burguesa, desqualificando a força de trabalho. Na teoria Dualista, a educação é duplamente um fator de marginalização, no âmbito educacional e cultural.

A grande contribuição das teorias crítico-reprodutivistas é o entendimento da escola ser determinada socialmente e não mais uma instituição independente, por esse motivo é possível analisar a educação pelas pessoas e grupos que a constroem. “A educação, enquanto processo encarregado da transmissão do saber, só é entendido com referência às estruturas sociais e, por elas, ao processo de produção do qual são indissociáveis” (CURY, 1985, p. 78).

Saviani propõe que a educação deve retomar a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. O papel da educação crítica é dar substância concreta, através da qualidade, aos estudantes para ir contra as diferenças de classes existentes na sociedade, a contra-ideologia (SAVIANI, 1992). “A contradição como expressão da realidade é capaz de indicar à educação não apenas seu momento de integração no projeto de dominação, mas também seu momento possível de negação e resistência” (CURY, 1985, p. 121).

Segundo Georges Snyders (SNYDERS, 1981), a resposta para a contra-ideologia está nos estudos de Gramsci, já que este entende ser possível, na escola, difundir novas concepções de mundo, formando intelectuais de outras classes sociais, habilitando-os a sistematizar organicamente a concepção de mundo dessas classes. Nascerá uma nova cultura, isto é, desaparecerá a separação entre cultura moderna e cultura popular (folclore).

Entretanto, uma análise atual do sistema de ensino demonstra que se torna cada vez mais difícil a formação de uma contra-ideologia dentro das escolas. As classes sociais dominadas recebem do estado, dentro das instituições públicas, um descaso e desvalorização do ensino, sem preocupações com a falta de professores e do número de vagas, com o crescente índice de evasão escolar e a formação de alunos que muitas vezes não conseguem nem ler e escrever.

O sistema de ensino público não contribui no desenvolvimento do raciocínio lógico nem tão pouco na construção do pensamento. A escola financiada pelo estado trabalha apenas na formação técnica e instrumental para a realização de tarefas simples e subalternas do trabalho, dificultando o questionamento sobre a ideologia dominante.

Por sua vez, as escolas privadas, freqüentadas por estudantes das classes sociais dominantes, que possui as melhores estruturas e condições, também não se preocupam na construção e desenvolvimento do pensamento e do raciocínio, muito menos com a reflexão sobre as diferenças sociais. O sistema de ensino privado segue a lógica dos processos de seleção para as universidades, o vestibular, onde o que vale é a competição individualista e o raciocínio empregado é exato, sempre na busca da escolha da alternativa única e correta.

Assim, o sistema de ensino, tanto o público como o privado, contribuem para a reprodução das diferenças sociais, com a sociedade hierarquizada, estagnada e imutável.

Cabe aqui uma reflexão lógica e alarmante para a educação física. Se a educação física escolar que encontramos atualmente não contribui na formação técnica e instrumental das tarefas simples do trabalho e nem pertence ao conteúdo específico dos vestibulares, ela não tem a menor função dentro do sistema de ensino vigente e portanto, está fadada ao desaparecimento do currículo educacional.

A utilidade da educação física escolar só será valorizada no momento em que ocorrer uma reformulação da educação como um todo, visando a formação dos alunos de forma ampla, caracterizada pela criatividade e reflexão dos problemas do mundo. Para tal, a educação física também deve se reformular na busca de uma área de conhecimento que leve à reflexão.

A reformulação não é simples, o ensino nas escolas ainda segue o estilo cartesiano, os alunos enfileirados em carteiras, divididos por faixa etária, com o professor na frente da sala de aula e o quadro negro como único recurso de atenção, materiais e livros padronizados e sobre tudo, o conhecimento mecanizado seguindo a linha professor-aluno, sem a possibilidade de reconstrução desse conhecimento.

O grande ponto de partida para uma mudança real da educação é a forma de transmissão do conhecimento, este conhecimento que é produto da capacidade de

ação sobre a realidade que a sociedade elaborou e construiu ao longo da história e que pode ser definido por cultura. A cultura não pode ser imposta e determinada pelo ensino, ela tem que fornecer os requisitos básicos para que o aluno construa a sua forma de ver a cultura, formulando a sua própria visão de mundo, a sua escolha de ação sobre a realidade.

Para tal, a educação deve passar do senso comum à consciência filosófica, ou seja, “passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada” (SAVIANI, 1989, p. 10). A consciência filosófica busca a lógica dialética, onde parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato para chegar-se ao concreto, negando a lógica positivista onde o empírico é o concreto.

O abstrato como momento do processo de conhecimento é a apropriação do concreto no pensamento. A abstração é o requisito básico capaz de gerar novas reflexões sobre o conteúdo, sobre a cultura, alterando a realidade original do aluno para uma outra realidade transformada.

Nesta visão a educação se apoia nos fundamentos da filosofia e portanto, cabe as instituições de formação de professores reavaliar não só a sua estrutura, mas também o modo de construção dos conteúdos.

O ensino está em contato mais do que direto com o ser humano, por isso o professor precisa ser um profundo conhecedor do homem, com objetivos de emancipar este homem. A educação só tem sentido se estiver voltada para a promoção do homem.

Termino esta parte da revisão com a mesma indagação do seu início: qual é o conceito de educação? Então julgo importante expor a minha visão de educação diante do meu olhar de leitor, com o referencial teórico que escolhi.

A educação é um fenômeno complexo e pluridimensional, uma atividade humana inserida na totalidade de uma organização social, visando ao homem, intencional, baseada em uma filosofia de vida e concepção de homem e sociedade.

Gosto da definição de Ubiratan D'Ambrosio que enxerga na educação uma estratégia social para levar cada indivíduo a desenvolver seu potencial criativo e capacidade de se engajarem em ações comuns (D'AMBROSIO, 2001).

A seguir tentarei demonstrar como a educação física se valeu das correntes educacionais e até que ponto essa educação física pode se reformular a fim de caminhar junto com a educação na promoção do homem.

## 2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA

Farei um breve histórico e análise da educação física estudando os principais autores e obras da área, a escolha se baseou na importância e repercussão dessas obras no meio da educação física.

O primeiro ponto que destaco é o aspecto levantado na obra de João Paulo Medina de 1983, "A educação física cuida do corpo... e 'mente'", onde o autor acredita que a educação física não só está em uma crise, mas necessita desta crise (MEDINA, 1996).

"A crise é um instante decisivo, que traz à tona, todas as anomalias que perturbam um organismo, uma instituição, um grupo ou mesmo uma pessoa. E este é o momento crucial onde se exige decisões e providências rápidas e sábias" (MEDINA, 1996, p. 19).

A crise em questão é uma crise de paradigmas, é uma crise de conceitos. A educação física é uma área de conhecimento com sérias dificuldades de auto definição, de descobrir o caminho que quer trilhar. A educação física segue os modismos da sociedade e por isso seus conceitos são tão instáveis e mutáveis.

Sendo a crise um momento de decisões e providências, a classe científica, em meados da década de 80 e início da de 90, começou uma grande produção de trabalhos e livros na busca de sanar a ausência de paradigmas. Porém as providências foram mais rápidas do que sábias.

Cada um preocupou-se em defender as suas respectivas áreas e pouco se preocupou com a educação física como um todo. Esta divisão que marcou, e ainda marca, as publicações sobre educação física também pode ser vista dentro das instituições universitárias, com rixas e desavenças entre professores de grupos distintos.

Porém uma característica importante que todas as pesquisas tratam, e que talvez seja a mais valiosa, é o consenso do "cliente" alvo da educação física, o ser humano. A valorização do homem em sua totalidade, uma pessoa com sentimentos

e um corpo como forma de expressão cultural, social, política. Não é função deste trabalho julgar o que levou os profissionais da educação física a valorizar o homem, se foram questões éticas, morais, financeiras, cabe apenas destacar este novo caminho dentro da educação física.

A educação física já percorreu diversas linhas de pensamento, por isso se faz necessário uma classificação das tendências e concepções de educação física ao longo da história no Brasil. Será utilizada neste trabalho a classificação de Paulo Ghiraldelli Júnior, pois as tendências propostas pelo autor são baseadas no contexto histórico de cada época analisando-se as obras publicadas.

Paulo Ghiraldelli Júnior na obra intitulada, “Educação Física Progressista” (GHIRALDELLI, 2001), descreveu para a educação física brasileira cinco tendências: “a educação física higienista (até 1930); a educação física militarista (1930-1945); a educação física pedagogicista (1945-1964); a educação física competitivista (pós 64) e a educação física popular” (GHIRALDELLI, 2001, p.16).

O autor salienta duas questões importantes dentro deste tipo de classificação, a primeira de que a periodicidade exposta não delimita as tendências, visto que tendências que se explicitam em uma época estão latentes em épocas anteriores, além do fato das tendências incorporarem outras. A segunda questão é a relação entre estas tendências com a prática cotidiana da educação física, pois muitas vezes a prática só se altera quando a concepção que lhe dá diretrizes já está em defasagem.

A classificação de Paulo Ghiraldelli é muito interessante no aspecto do contexto, pois os anos de início e fim das tendências são de acordo com fatos marcantes da história brasileira.

A educação física higienista é uma concepção característica do fim do império e do período da primeira república. Esta tendência tem forte inspiração no pensamento liberal<sup>8</sup> e acreditava ser a educação física a área responsável pela saúde pública da sociedade, formando homens fortes, sadios e dispostos. No fundo era uma visão burguesa de disseminação de condutas e morais dentro de outras classes sociais.

A educação física se utilizou de fundamentos ginásticos que pudessem ajudar no saneamento público na busca de uma sociedade livre de doenças e mazelas.

Muitos dos pontos defendidos na educação física higienista permanecem vivos nos discursos de autoridades, de pedagogos, de médicos e professores de educação física (GHIRALDELLI, 2001).

É importante destacar a crescente corrente higienista nos tempos atuais, com a proliferação de academias de ginástica e propostas de saúde com caminhadas e atividades físicas, como o Agita mundo e Agita São Paulo.

A educação física militarista que percorre o período Vargas e o entre guerras sofreu influências nazifascistas e militares, onde a educação física colaborava na seleção natural, eliminando os fracos e destacando os fortes. Esta tendência também é chamada por eugenista, pois visava a melhoria da espécie humana e da formação de uma “raça” para o povo brasileiro através de atividades físicas.

A educação física militarista vai além da educação física militar, a tendência militarista se apropria dos exercícios militares e ginásticos, mas se preocupa também na estereotipagem dos movimentos e na alienação da população. A saúde pública e dos indivíduos é substituída pela saúde da pátria, o patriotismo ganha força na educação física.

Porém a derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial não significou o fim das idéias nem da tendência militarista, assim como em outras áreas da sociedade, “em qualquer aula de educação física deste país é possível encontrar resquícios dos princípios norteadores da prática ginástica e desportiva fascista” (GHIRALDELLI, 2001, p. 27).

A educação física pedagogicista ganha força no período pós-guerra e sofre influências liberais e de teorias psicopedagógicas e escolanovistas<sup>9</sup>. A educação física seria a única disciplina escolar capaz de promover a educação integral do indivíduo, através da educação pelo movimento.

Muito se usou das teorias estrangeiras dentro da tendência pedagogicista, porém um aspecto é significativo, a valorização do professor de educação física dentro da instituição escolar, “responsável por todas as particularidades ‘educativas’ das quais as outras disciplinas, as ‘instrutivas’, não poderiam cuidar” (GHIRALDELLI, 2001, p. 29).

---

<sup>8</sup> Ver a supracitada pedagogia tradicional dentro das teorias não críticas de SAVIANI (1992).

<sup>9</sup> Ver a supracitada pedagogia Nova dentro das teorias não crítica de SAVIANI (1992).

A próxima tendência é a educação física competitivista que ganhou destaque após o ano de 1964, com o golpe de estado e a tomada do poder pelos militares. Esta tendência, do mesmo modo que a militarista, está a serviço da hierarquização social, com a diferenciação entre os aptos, saudáveis e atletas dos indivíduos não aptos e incapazes de realizar atividades físicas.

A educação física competitivista está intimamente ligada ao tecnicismo<sup>10</sup> e ao crescimento do treinamento desportivo. O esporte quase que se confunde com educação física e as aulas tornam-se celeiros de novos atletas para disputarem prováveis jogos olímpicos.

Com o apoio do governo e dos meios de comunicação, o desporto de alto rendimento ganha importância dentro da educação física, colaborando para o aumento da exclusão e da alienação social, interesses da ideologia dominante.

A ditadura militar usou a idéia da competição, principalmente a esportiva, para expandir os ideais de patriotismo, da formação de um país potência internacional e de ídolos e atletas-heróis nacionais que ganhavam pelo individualismo. “O desporto, divulgado pela mídia, tinha o objetivo claro de atuar como analgésico no movimento social” (GHIRALDELLI, 2001, p.32).

Por fim, Paulo Ghiraldelli descreve a última tendência, a educação física popular, como uma educação física que emerge da prática social dos trabalhadores e do movimento operário.

A educação física popular luta pelos interesses dos trabalhadores, da solidariedade operária, com ideais de ludicidade e cooperação para a organização das classes populares. Foi a forma encontrada para se reunir as classes dominadas a fim de se enfrentar as desigualdades e lutar por uma sociedade democrática.

Assim como Paulo Ghiraldelli, Wanderley Marchi Jr. também classificou a educação física em tendências de acordo com a literatura produzida (MARCHI, 1994). Porém Marchi Jr. definiu seis categorias: higienista, militarista, sócio-pedagógica, estruturalista-sistêmica, técnico-científica e histórico-crítica.

Dentro da classificação das tendências da educação física alguns autores se destacam na tentativa de ir além das questões epistemológicas e dar novo nome a

---

<sup>10</sup> Ver a supracitada pedagogia Tecnicista dentro das teorias não crítica de SAVIANI (1992).

área da educação física<sup>11</sup>. Go Tani, pesquisador ligado à Universidade de São Paulo, defende a idéia de educação física desenvolvimentista, com uma área científica e denominada de cinesiologia (TANI, 1996). A cinesiologia seria uma ciência preocupada exclusivamente com o movimento humano dentro de uma linha biológica. “Na busca de uma melhor denominação que facilite a identificação da área, tenho sugerido e adotado o termo Cinesiologia, que significa, literalmente, estudo do movimento” (TANI, 1996, p. 25).

“A abordagem adotada por Go Tani parte do pressuposto de que existe uma seqüência normal no desenvolvimento do ser, o que justifica o atendimento de acordo com sua característica individual” (OLIVEIRA, 1994, p.163). Go Tani é tão criticado dentro da educação física justamente por este ponto, de não considerar as características históricas e sociais do movimento, mudando apenas a roupagem e não o paradigma da educação física.

Entretanto, o autor deve ser destacado neste trabalho por buscar um referencial teórico para a educação física ligado à ciência. Para Ademir Gebara (GEBARA, 1992, p.22):

A análise de Go Tani, após lidar com o problema relativo à necessidade de um corpo de conhecimento, posto que os professores de educação física são mais executores, carecendo de maior fundamentação teórica no comando da atividade prática, evolui na busca e na necessidade de se estruturar o corpo de conhecimento da educação física. O argumento propõe então duas possibilidades: a interdisciplinaridade e o cruzamento de disciplinas.

Outro autor que propõe a mudança do nome educação física é o autor português, Manuel Sérgio, que expõe sua proposta da ciência da motricidade humana (SÉRGIO, 1989). Manuel Sérgio entende que o título de educação física passa a falsa impressão e estigma de que trata-se de uma área que educa o físico e por isso, defende a tese de uma ciência que estude o movimento do ser humano em todos os seus aspectos.

Manuel Sérgio acredita na “necessidade e a urgência daquela mutação teórica e daquela revolução prática, que constituem a emergência e o desenvolvimento de uma área do saber” (SÉRGIO, 1989, p. 87).

---

<sup>11</sup> Não é função deste trabalho defender ou negar a tentativa de dar novo nome a educação física, mas sim destacar as obras de relevância dentro da área.

“A tal educação física tem necessidade imperiosa de passar da heteronomia epistemológica à autonomia e ainda de uma inconsciência mais ou menos coletiva à consciência o mais crítica e universalmente generalizada” (SÉRGIO, 1989, p. 88).

Porém estudar o movimento humano para Manuel Sérgio vai além da tese de Go Tani, que o entende como biológico, Sérgio compreende que “a motricidade não é o simples movimento, porque é práxis, e, como tal, cultura. A motricidade é a capacidade para o movimento centrífugo da personalização” (SÉRGIO, 1989, p. 81).

De acordo com a visão de Manuel Sérgio está Valter Bracht, que entende a educação física e o movimento como mais que uma área biológica. “O movimento não é predominantemente um comportamento motor. O movimento é humano, e o homem é fundamentalmente um ser social” (BRACHT, 1997, p.66).

Para Bracht “a educação física precisa buscar o sentido de sua transformação na necessidade da transformação da própria sociedade brasileira (BRACHT, 1997, p.51). O autor, entendendo a educação física dentro da sociedade, defende uma reformulação do paradigma tradicional, de uma prática que segue as leis capitalistas, para uma visão teórico prática transformadora.

Dentro desta visão de transformação da educação física como superação das diferenças sociais se encaixa o trabalho de um coletivo de autores que produziram uma metodologia para o ensino de educação física (SOARES, 1992). Neste coletivo de autores estão presente autores como Valter Bracht, Lino Castellani, Celi Taffarel, Carmen Soares e outros.

Eles defendem a idéia de um novo objeto de conhecimento, diferente do objeto aptidão física, “a expressão corporal como linguagem e como saber ou conhecimento” (SOARES, 1992, p. 42).

“Como compreender a realidade natural e social, complexa e contraditória, sem uma reflexão sobre a cultura corporal humana?” (SOARES, 1992, p. 42) O coletivo de autores entende que não é possível uma prática educacional sem um projeto político e pedagógico que organizem as aulas de educação física e este projeto político e pedagógico segue uma linha ideológica das instituições e dos professores.

Outro autor que teve destaque na produção teórica foi João Batista Freire, que baseado em estudos psicomotores, principalmente piagetianos, elaborou uma tese da educação física com fundamentos do desenvolvimento cognitivo e

maturacional (FREIRE, 1997). Uma educação física apoiada em jogos e brinquedos, teria uma contribuição no desenvolvimento motor e intelectual da criança, porém a psicomotricidade piagetiana esbarra em limites como a interpretação social e cultural na formação humana.

“Quando educadores e psicólogos não incorporam fatores socioculturais à teoria original, correm o risco de não conseguir analisar o homem, a sociedade e a educação em todas as suas relações” (OLIVEIRA, 1994, p. 173).

Freire entende que “a educação física não é apenas educação do ou pelo movimento, é uma educação de corpo inteiro” (FREIRE, 1997, p. 84), um corpo em relação com o espaço, com objetos e outros corpos.

Neste ponto é necessário explicar porque afirmei que diante da crise, a produção científica da educação física tomou providências mais rápidas do que sábias. Esta explicação resume a idéia central do meu trabalho e está pautada na conclusão que tomei ao analisar as obras da área, de que o movimento de renovação da educação física se preocupou muito mais em negar as idéias antigas do que realmente transformar a produção teórica e principalmente a prática.

A educação física e seus autores (ou atores) caminharam em direções tão opostas que cada sub-área e especialização não caracterizaram um corpo único de conhecimento. Além de pouco produzir, realmente, uma relação teórica e prática, cada sub-área acreditava ser a sua tese a melhor e a outra a pior.

Diante desta divisão maniqueísta a crise tendeu a persistir. Gerou-se uma confusão entre professores e estudantes universitários, professores de educação física, estudantes escolares e a sociedade. A confusão é paradigmática e epistemológica. Provavelmente, se perguntarmos para cem pessoas entre as acima citadas, sobre o que é educação física, teremos cem respostas diferentes e possivelmente, algumas opostas as outras.

Muito do distanciamento da teoria em relação à prática deve-se à ausência de contato entre os integrantes de ambos os lados. Os professores universitários, que produzem a teoria, cada vez mais internos em seus centros e laboratórios e os professores de educação física, que aplicam a teoria, que não buscam novos conhecimentos para a reformulação de sua prática.

Uma hipótese para este distanciamento tem dois aspectos, o primeiro por parte dos professores universitários que estão começando sua carreira muito cedo,

com mestres e doutores recém graduados e sem vivência prática, formulando teorias pouco aplicáveis. O segundo, pela produção em série de profissionais de educação física por parte das abundantes faculdades e universidades que muitas vezes não têm a preocupação com a formação acadêmica de seus graduandos, formando meros reprodutores do conhecimento.

Talvez a solução para a unidade da educação física, para a trilha de um caminho em que as sub-áreas tenham um ponto comum a chegar, esteja em dois aspectos simples da vida: humildade e respeito. A humildade e o respeito pela opinião do outro, seja ele doutor, mestre, acadêmico, professor ou aluno.

“Espera-se que a arrogância, a inveja, a prepotência cedam lugar ao respeito pelo diferente, à solidariedade para com o outro, à cooperação na preservação do patrimônio comum” (D’AMBROSIO, 2001, p. 12). Patrimônio este que é a educação física e toda a sua produção e cultura elaboradas ao longo da história.

Mauro Betti expõe a sua teoria da prática, como construção intelectual fundamentada na reflexão filosófica, a fim de criticar a fragmentação do conhecimento da educação física que sucumbi à complexidade do estudo. “A falta de clareza na relação teoria e prática é que nos tem levado a muitos equívocos, e à permanência de um pensamento dualista” (BETTI, 1996, p. 101).

“O desenvolvimento científico da educação física e a formação de seus profissionais não faz sentido fora da perspectiva da interdisciplinaridade; caso contrário ter-se-á apenas crescimento vertical, fragmentado, das sub-disciplinas” (BETTI, 1992, p. 251).

“A construção multidisciplinar para a área é indispensável, tendo como fio condutor o diálogo com outras ciências e não um posicionamento de subordinação ou submissão dos conteúdos da educação física” (MARCHI e PILATTI, 1999, p. 1291).

A educação física que defendo é uma área autônoma que respeite todas as sub-áreas, produzindo um corpo de conhecimento teórico interdisciplinar ligado ao conhecimento prático, estudando as formas de movimento corporal nos seus aspectos histórico, social, cultural, biológico, entre outros; contribuindo na formação e promoção de homens criativos e críticos em relação a sua presença na sociedade e na natureza.

### 2.3 TEORIA E PRÁTICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Prática é condição de historicidade. Teoria é maneira de ver, não de ser. Nem por isso uma é inferior à outra. Cada uma tem seu devido lugar. Para as ciências sociais, uma teoria desligada da prática não chega a ser teoria, pois não diz respeito à realidade histórica. À base disso facilmente se coloca prática como critério de verdade, o que também é unilateral. A prática é um critério da verdade (DEMO, 1995).

Da mesma teoria pode-se chegar a várias práticas, até mesmo contraditórias. Não basta interpretar, é preciso transformar a sociedade. A prática tem traço concreto, ao contrário da teoria, que é generalizante. Não se pratica toda a teoria, mas versões concretas dela, a prática tende a ser exclusivista. Toda prática é inevitavelmente ideológica, pois se realiza dentro de uma opção política. O teórico foge da prática porque teme a condenação histórica, prefere criticar a propor.

A prática obriga à revisão da teoria, pois na prática toda teoria é outra.

Para o pedagogo Paulo Freire, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2001, p. 24).

Teoria e prática relacionam-se dialeticamente surgindo a noção de *práxis*, “uma atividade teórico-prática; ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente e abstratamente podemos isolar um do outro” (VÁSQUEZ, 1977, p.241). Por isso ser tão unilateral reduzir a práxis ao elemento teórico, assim como ao elemento material.

“Não basta uma prática, necessária é a compreensão da prática, ou seja, a unidade prática-teoria: teoria essa que pretende interpretar e projetar a prática (SÉRGIO, 1989, p. 77).

“Para vir a ser uma prática transformadora, necessário se faz que ela seja teorizada, pensada, refletida. A prática não pensada é uma prática reprodutora. Teoria e prática seriam assim faces de uma mesma moeda” (CASTELLANI, 1991, p. 104).

A abordagem interdisciplinar é a busca de uma teoria e uma prática capazes de resolver os problemas complexos da vida. Não se pode ter uma visão simplista e única dos problemas do mundo que podem ter inúmeras respostas e alternativas de

solução. “O conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar tanto problemas quanto situações novas que emergem em um mundo complexo” (D’AMBROSIO, 2001, p. 80).

Adotei neste trabalho a mesma compreensão para interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. “Tudo nos leva a engajar-nos cada vez mais na pesquisa das aproximações, das interações e dos métodos comuns às diversas especialidades” (JAPIASSU, 1976, p. 76).

A aproximação das diversas especialidades deve respeitar a independência de cada uma, sempre na busca de uma autonomia, tentando estabelecer um diálogo onde todos podem falar e todos devem escutar. “Duas ou mais disciplinas ingressam num diálogo em pé de igualdade, não há supremacia de uma sobre as demais. As trocas são recíprocas e o enriquecimento é mútuo” (JAPIASSU, 1976, p. 81).

Dentro dessa visão do diálogo entre as disciplinas, faço uma analogia com uma bexiga. Quando uma bexiga possui pouco ar em seu interior, as suas partes internas estão muito próximas e concentradas, mas em compensação, as suas partes externas tem menor contato com o ambiente que a cerca. Quando aumentamos o ar dentro da mesma bexiga, as partes internas tendem a se afastar, porém, as suas partes externas ganham maior área de superfície de contato com o ambiente que a cerca.

Sendo a bexiga uma área de conhecimento, o ar os diálogos entre disciplinas envolvidas e o ambiente a sociedade que usufrui desta área de conhecimento, podemos concluir que a troca entre as disciplinas aumenta a possibilidade de compreensão do conhecimento pela sociedade.

“Nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpretar por elas” (FAZENDA, 1991, p.110).

A interdisciplinaridade é uma possibilidade da educação física se enriquecer e crescer como área de conhecimento, utilizando como auxílio outras áreas. Estudar o esporte apenas como técnica de uma prática corporal é limitar uma cultura que tem uma variedade de modos de interpretação. Além da técnica dos esportes, também pode-se fazer uma análise biomecânica e fisiológica ou, ainda, uma análise sociológica, antropológica e histórica deste mesmo esporte.

“O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir” (FAZENDA, 1991, p. 111).

É inegável que a educação física sente a falta de uma teoria que dê sustentação à suas atividades práticas, entretanto, pouco se propôs na produção dessa teoria. Todas as outras disciplinas escolares possuem uma teoria específica e determinada, sendo função do professor escolher a metodologia e didática empregadas na aplicação dos conhecimentos.

Quando se entende que a educação física é uma cultura corporal de movimento, não necessariamente ela deve corresponder ao movimento propriamente dito. É fundamental estudar e interpretar o movimento e, algumas vezes, este estudo é teórico. Por esse motivo que defendo a educação física também realizada dentro da sala de aula, com auxílio de textos, filmes, fotos, quadros, internet, entre outros tantos recursos possíveis.

O predomínio das atividades de educação física escolar sempre será prática, pois o movimento deve estar muito bem incorporado, mas as atividades teóricas devem ir aumentando na medida em que os alunos vão ganhando experiência e vivência. Contudo, dizer que as atividades práticas são predominantes não significa dizer que são ausentes de teoria e dizer que as atividades teóricas devem ir aumentando não significa que a prática estará perdendo lugar. Teoria e prática são faces da mesma moeda.

A minha defesa de que a educação física deve ser quase que exclusivamente movimento nas primeiras séries do ensino fundamental e que as atividades teóricas ganham força na passagem para o ensino médio pode ser entendida em analogia a um instrumento, onde ao adquiri-lo deve-se aprender todos os comandos que este instrumento nos fornece para, após, podermos usufruí-lo das mais variadas formas possíveis.

O mesmo pode ser dito em relação à língua portuguesa, primeiro aprendemos os comandos e mecanismos, que são representados pela gramática, figuras de linguagem, etc., para depois usufruir destes comandos, que são representados pela produção de textos, interpretação de textos, etc.

Para interpretar e criar movimentos antes é preciso ampliar a vivência de movimento, aumentar o acervo motor. Para estudar profundamente a dança, antes se adquirir uma vasta vivência e experiência da dança.

Todavia, existem formas e formas de se aprender gramática, assim como existem formas e formas de se ampliar o acervo motor. O profissional deve buscar formas criativas e didáticas que façam com que este primeiro aprendizado seja prazeroso e facilitado, se baseando em fundamentos teóricos interessantes e intrigantes.

“Em termos formais, o aluno precisa municiar-se de formação básica adequada, que lhe permita acesso sempre renovado ao saber estratégico, necessário para compreender o mundo e nele agir como sujeito” (DEMO, 1993, p. 103).

O grande público recebe inúmeras informações e conhecimentos sobre a educação física, a sociedade consome o esporte, os jogos, a dança, as práticas de aptidão física em clubes, academias de ginástica, na televisão, nas revistas, nos jornais, etc. “É tarefa da educação física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte, o jogo, a dança e as ginásticas em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI, 1998, p. 18).

Porém uma educação física com uma abordagem interdisciplinar requer profissionais capacitados e interessados em buscar novos conhecimentos, dispostos em lutar pela retomada de espaço na escola e comprometidos na construção do corpo teórico e prático da educação física.

Com profissionais engajados, com a produção de uma teoria interdisciplinar, com um projeto político e pedagógico e com uma prática teorizada e crítica, a educação física só vêm a contribuir na emancipação e formação do homem, tendo lugar de destaque na cultura corporal de movimento, tão significativa em uma sociedade que necessita buscar o amor, a amizade e o respeito.

### **3. METODOLOGIA**

Para Pedro Demo (DEMO, 1995), o desenvolvimento da produção científica que visa ao conhecimento da realidade não deve se limitar aos métodos e técnicas destinados à coleta de dados, mas sim utilizar uma metodologia que incorpore a teoria fundamentando as etapas do processo de construção do conhecimento social.

A opção metodológica decorre do olhar sob o qual se observa o objeto.

Este é um trabalho de pesquisa bibliográfica, pois tenta explicar um problema utilizando o conhecimento disponível em teorias publicadas. “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (LAKATOS e MARCONI, 1992, p.43).

O método utilizado foi o dedutivo, que segundo Lakatos e Marconi é o método que “partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares” (LAKATOS e MARCONI, 1992, p.105). A dedução é uma conexão descendente, que analisa as teorias gerais para interpretar os fatos particulares e específicos.

Após a realização de um estudo dedutivo da revisão da literatura sobre educação, educação física e da relação teoria e prática realizei uma proposta metodológica com abordagem interdisciplinar afim de produzir novos conhecimentos para a educação física escolar.

#### 4. PROPOSTA METODOLÓGICA

Realizar uma proposta metodológica não significa elaborar uma receita que deve ser seguida e repetida igualmente em todos os casos, a proposta é uma forma de ver e entender a educação física em linhas gerais e, desta forma, fornecer requisitos básicos aos profissionais da área para auxiliar e facilitar seu trabalho na escola.

Quando se realiza uma nova proposta metodológica é inevitável que a intenção seja negar e superar as propostas já elaboradas. A negação e a superação não no sentido de superioridade, mas sim de tentar evoluir os pontos falhos das demais. Entretanto, a proposta que tentarei elaborar também não será isenta de falhas, pois nenhuma proposta será totalmente perfeita, gerando, assim, um ciclo de renovação e reformulação importante para a evolução do conhecimento.

Com um estudo da literatura sobre a educação, a educação física e a relação entre teoria e prática tornou-se inevitável elaborar uma proposta metodológica para a educação física escolar. Porém, escolhi expor os pontos e aspectos mais relevantes neste trabalho, deixando para um próximo uma exposição mais ampla e demonstrativa<sup>1</sup>.

Como características gerais na proposta, a aula de educação física deveria ter em média a duração de uma hora, com freqüência de três vezes por semana, com a participação de todos alunos, sem distinção de sexo, problemas médicos ou necessidades especiais.

A realização das aulas pode ser tanto em espaços abertos como dentro da sala, o critério é estabelecido pela necessidade da atividade em questão. A atividade também delimita os recursos a serem utilizados, podendo ser materiais pré produzidos ou construídos pelos próprios alunos.

Os conteúdos utilizados na educação física escolar são todos que se encaixam na cultura corporal de movimento: esportes, jogos, danças, ginásticas, ou qualquer movimento sistematizado ou não.

---

<sup>1</sup> Um próximo trabalho poderia ser até um livro didático para ser utilizado pelos alunos e professores nas aulas de educação física, contendo textos, figuras e exercícios para serem estudados.

Os conteúdos devem ser simples nas primeiras séries do ensino fundamental, aumentando em complexidade proporcionalmente com o passar das séries e com o desenvolvimento motor e intelectual das turmas.

As aulas devem ter momentos de reflexão sobre o que está sendo trabalhado. A reflexão pode ser no começo, no meio ou no fim da atividade, com os alunos opinando e demonstrando seus desejos por mudanças e alterações. A expressão da atividade pode ser representada por escrito, na forma de texto ou desenho.

A reflexão e a expressão por escrito da atividade ajudam os alunos na melhor compreensão da mesma, além de ser uma resposta para o professor de como está o andamento das aulas.

O professor de educação física deve ter a consciência de que ele é um intelectual<sup>2</sup> na formação de outros intelectuais, portanto, necessita ter uma consciência ideológica e intenção de que tipo de sociedade e homem deseja formar.

O professor deve ser um desafiador e não um mero repetidor de idéias, para Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2001, p. 52).

Na visão de Paulo Ghiraldelli sobre o professor intelectual (GHIRALDELLI, 2001, p. 58):

O professor como socializador da cultura erudita vai além da transmissão das técnicas, a aula se transforma num ambiente crítico, onde a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica. Até mesmo os conteúdos tradicionais da educação física possuem uma história, possuem um desenvolvimento que não é alheio aos valores e desejos de futuro de determinados setores sociais dominantes.

O problema não está na escolha dos conteúdos e sim na forma em que são trabalhados. “Não podemos simplesmente negar a cultura dominante, e sim permitir que a classe dominada, em dominando a cultura dominante, possa reconstruí-la a partir de suas necessidades e interesses” (BRACHT, 1997, p.67).

A competição e o esporte de alto rendimento são práticas existentes na sociedade e por este motivo não podem, simplesmente, serem negadas. Através de uma análise criteriosa desses conteúdos, os alunos têm a possibilidade de

---

<sup>2</sup> A noção de intelectual estabelecida por Gramsci (1982).

interpreta-los da forma que acharem melhor, redirecionando o ensino para “desenvolvimento do coletivismo (ação pessoal pelo bem comum), da consciência da relatividade das normas e da possibilidade de sobre elas agir, através da análise crítica do significado da competição” (BRACHT, 1997, p.109).

Para interpretar um conteúdo é preciso primeiro experimenta-lo e depois estuda-lo de forma teórica e interdisciplinar para, por fim, reconstruí-lo. Valter Bracht estabeleceu uma metodologia que se aproxima da idéia de reconstruir um conteúdo que foi denominada de funcional-integrativa (BRACHT, 1997, p. 88):

primeiro momento, reunião com os alunos para planejamento prévio das aulas; segundo momento, realização do jogo eleito; terceiro momento, paralisação do jogo com discussões, reflexões e propostas para a continuidade das aulas; quarto momento, testagem das soluções e variantes; quinto momento, avaliação e planejamento da aula seguinte.

A participação na escolha das atividades e dos conteúdos é fundamental para a emancipação dos alunos, além de integrar as aulas no contexto das turmas, porém a palavra final e o direcionamento sempre será do professor, pois é o maior detentor do conhecimento e busca concluir um objetivo.

Assim como ter um objetivo, é importante o professor de educação física estabelecer um planejamento das suas aulas. Improviso é diferente de flexibilidade no planejar. O planejamento deve ser semestral, anual e por período de anos. A comunicação entre os professores de diferentes séries é indispensável na continuidade e conexão dos conteúdos a serem trabalhados.

Para conseguir bons resultados na interpretação da dança, por exemplo, os alunos devem passar por vivências práticas de dança nas primeiras séries, pois sem estas vivências os alunos não terão requisitos básicos para uma análise mais complexa.

Esta proposta metodológica entende que a educação física escolar para o ensino fundamental deve ser puramente movimento, prática, mas sempre teorizados e pensados sem perder de vista um objetivo. Muita experiência na cultura corporal de movimento, de forma prazerosa e integrando os participantes. A avaliação pode ser feita através da participação ou relatos escritos, visando a formação e superação dos alunos.

A proposta para as últimas séries do ensino fundamental e para o ensino médio é rever e refazer as práticas já trabalhadas dentro de uma visão teórica, possibilitando uma reconstrução do conhecimento.

Pode-se trabalhar a história da educação física, apresentando as tendências e concepções da área. Pode-se trabalhar os aspectos sociológicos do lazer, com definições e argumentações de autores. Pode-se trabalhar as reações do corpo, as fontes energéticas e outras características da fisiologia. Pode-se trabalhar ainda a relação entre esporte, Jogos Olímpicos, indústria cultural e meios de comunicação. E por que não trabalhar as diferentes relações de corpo, sexualidade e padrões sociais?

As possibilidades são inúmeras e pertinentes na formação dos alunos. Basta critérios e fundamentação teórica interdisciplinar para se evoluir na transmissão e criação de conhecimento. Porém, repito que tudo isso só é possível com requisitos básicos e experiências anteriores.

A avaliação torna-se palpável: provas, seminários, pesquisas, entre outras. Tendo um caráter formativo e evolutivo, a avaliação só contribui para o processo.

Como exemplo de aula, para turmas do ensino médio, com abordagem interdisciplinar, descrevo a seguinte atividade:

Uma representação da realidade sobre um esporte, onde uma turma é dividida em grupos com diferentes funções. Dois grupos ficam destinados na formação de duas equipes desportivas, responsáveis pela formação técnica, tática e física. Essas equipes terão imaginários atletas, técnicos, preparadores, etc. Outro grupo é destinado na formação da mídia, responsável no acompanhamento e transmissão dos confrontos. Esse grupo terá imaginários repórteres, locutores, comentaristas, etc. Um quarto grupo é destinado para a interpretação do processo, analisando aspectos sociológicos, culturais, etc.

Dentro desta construção hipotética de aula, o professor possui a função de coordenador e facilitador das informações necessárias pelos grupos. O tempo deve ser suficiente para criação das idéias e a motivação sempre alimentada, ocorrendo um confronto direto entre as equipes desportivas.

Ao final do processo cada grupo expõe suas vivências e conhecimentos adquiridos em forma de seminário e trabalho escrito e por final o professor conclui com reflexões sobre a relação entre representação e realidade social. Este tipo de

proposta leva os alunos a interagir na realidade, representando papéis e funções reais da sociedade é possível entender como funcionam as instituições que os cercam.

Cada professor pode escolher seus conteúdos, suas formas, seus meios, porém não pode se esquecer dos fins, a formação de homens críticos que interpretem sua presença em sociedade.

As aulas de educação física não podem ser um intervalo, um recreio, uma brincadeira. A educação física possui um conhecimento que deve e precisa ser transmitido, incorporado, interpretado e construído pelos alunos.

A participação dos profissionais de educação física na escolha das propostas, dos métodos, do projeto político e pedagógico da escola deve ser efetiva, é inaceitável um professor da nossa área apenas receber ordens. A educação física têm história, têm prática e têm teoria para ajudar a mudar a realidade do ensino brasileiro.

Com muito estudo, pesquisa e produção do conhecimento, teórico e prático, a educação física, não só a escolar, poderá contribuir na formação de uma sociedade ativa, crítica, criativa e, sobretudo, humana.

## 5. CONCLUSÃO

Segundo Carlos Cury (CURY, 1985, p. 130):

A limitação do acesso ao saber, pelas barreiras externas à educação e pelos mecanismos internos de seletividade, a manutenção da divisão entre teoria e prática e a avaliação como saber daquilo que apenas interessa à manutenção das relações sociais, são defesas postas a fim de neutralizar seu potencial.

Para o filósofo Friedrich Nietzsche, a palavra homem significa aquele que avalia. A valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser.

Buscar a transformação, a mudança, a utopia é jamais desistir de lutar e de viver. Lutar mantendo o respeito e a humildade, mas nunca perdendo a esperança. A esperança jamais pode sucumbir diante das dificuldades.

Minha esperança está na educação. Na educação que inclua as pessoas no processo de procura, de curiosidade. Na educação que possibilite o educando aventurar-se pelo conhecimento, construindo-o. Na educação que estabeleça a relação através do saber.

Quando optei em ser um profissional de educação física eu fiz uma opção pela vida. E a vida nada mais é que relacionamento, relacionamento entre o homem e os outros homens (sociedade) e entre o homem e a natureza. Este trabalho foi a defesa da educação física como meio de relacionamento humano.

Terminei meu estudo com duas frases de duas pessoas que dedicaram as suas vidas pela educação. Primeiro, Rubem Alves, que aqui demonstra o relacionamento do homem com a natureza (ALVES, 1991, p. 42):

O que está em jogo são duas maneiras diferentes de se ver o corpo: num caso, corpo que é simples meio e que é treinado para se transformar num instrumento de luta contra o tempo e contra o espaço. Uma corrida é luta contra o tempo. Já um salto é luta contra o espaço. Num outro, é o corpo reconciliado com o espaço e o tempo, e que não deseja vencê-los mas apenas usufruí-los. Quem não está em paz com o tempo e o espaço não pode dormir bem...

Segundo, Paulo Freire, que aqui demonstra o relacionamento do homem com os outros homens (FREIRE, 2001, p. 20):

Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- ALVES, Rubem. "O corpo e as palavras", *In: Conversando Sobre o corpo*. Org. Heloísa Bruhns. 4. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- \_\_\_\_\_. Por uma teoria da Prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. "Perspectiva na formação profissional", *In: Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Org. Wagner Wey Moreira. Campinas: Papirus, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- CASTELLANI FILHO, Lino. "Atividades Corporais: fenômeno cultural?", *In: Conversando Sobre o corpo*. Org. Heloísa Bruhns. 4. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- CURY, Carlos Jamil. *Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez, 1985.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- DEMO, Pedro. *Desafios Modernos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- FAZENDA, Ivani Catarina. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- FREIRE, João Batista. *Educação Física de corpo inteiro*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GEBARA, Ademir. "Educação Física e Esportes: perspectivas (na história) para o século XXI", *In: Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Org. Wagner Wey Moreira. Campinas: Papirus, 1992.

- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, Pensar e Agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1994.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCHI Jr., Wanderley; PILATTI, Luiz Alberto. A possibilidade de construção de uma abordagem multidisciplinar da educação física: uma questão epistemológica. In: *Anais do XI CONBRACE*. caderno 3, v. 21, n. 1, p. 1286-1291, set. 1999.
- MARCHI Jr., Wanderley. *Classificação das Tendências da Educação Física: uma abordagem filosófica-educacional e ideológica*. 1994. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNICAMP; Campinas.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo ... e mente*. 14. ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. *Consenso e Conflito da educação física brasileira*. Campinas: Papyrus, 1994.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 26 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. "Tendências e Correntes da Educação Brasileira", In: *Filosofia da Educação Brasileira*. Org. Durmeval Trigueiro Mendes. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- SÉRGIO, Manuel. *Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?* Campinas: Papyrus, 1989.
- SILVA, Sônia Aparecida Ignacio. *Valores em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SOARES, Carmen Lúcia; et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, Ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.

SNYDERS, Georges. *Escola, classe e luta de classes*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

TANI, Go. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-50, dez. 1996.

VASQUEZ, Adolfo Sanches. *Filosofia da praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.